

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO II, Nº141 - ABRIL - PORTO VELHO, 2004
VOLUME IX

ISSN 1517-5421

EDITOR
NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História - UFRO
CLDOMIR S. DE MORAIS - Sociologia - IATTERMUND
ARTUR MORETTI - Física - UFRO
CELSO FERRAREZI - Letras - UFRO
HEINZ DIETER HEIDEMANN - Geografia - USP
JOSÉ C. SEBE BOM MEIHY - História - USP
MARIO COZZUOL - Biologia - UFRO
MIGUEL NENEVÉ - Letras - UFRO
ROMUALDO DIAS - Educação - UNICAMP
VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia - UFSC

Os textos no mínimo 3 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows" deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 200 EXEMPLARES

EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

141



FLÁVIO DUTRA

ENSAIO DE EGO-HISTÓRIA - 2

Alberto Lins Caldas



Alberto Lins Caldas

Professor de Teoria da História - UFRO
caldas@unir.br

ENSAIO DE EGO-HISTÓRIA - 2

MESTRES

Nunca fui de seguir mestres, de ouvir pacientemente, aprendendo um conhecimento. Segui sempre minha loucura particular, meu desejo, minha vontade, minhas torções e angústias. Assim encontrei muitos amigos, professores e colegas que chamo de mestres, mas que não cabem nessa categoria. Não que não tenha aprendido com ninguém, mas que minha agonia diante de tudo está sempre em outro labirinto, em outro desejo, em outra velocidade, pondo tudo numa rede de negatividades que exigem sempre outras palavras, outras experiências. São, todos eles, companheiros de diálogo.

Desde o colégio professores me atraíam o combate. Mas nenhum deles deixou marca alguma. Mas na Universidade Federal de Pernambuco, Departamento de História, tive quatro professores que marcaram meus oito anos ali (graduação e mestrado) e em parte o sentido do meu percurso, muito mais pelo diálogo surdo mantido comigo mesmo diante das suas obras e idéias que de um seguir acreditando.

O primeiro foi Marcus Albuquerque, professor de Pré-História e que se tornaria o interlocutor principal das minhas preocupações intelectuais no tempo, resultando em dois textos publicados ainda na Universidade e que desaguariam na dissertação, aprofundando, em intermináveis combates, o fundamento e a diversidade do conceito de "documento", de "realidade histórica", de "tempo", de natureza, de análise e marxismo com Arqueologia e História. Com ele aprendi o métier do arqueólogo, num trabalho de campo rigoroso, inteligente e múltiplo, e um cotidiano laboratorial minucioso, analítico e articulativo. Continuamos amigos, amizade que se iniciara no final dos anos sessenta, mas no fim da graduação já não estava mais em seu Laboratório: as divergências foram se tornando maiores e insuperáveis.

O segundo, Ariano Suassuna, que sempre me recebia em sua sala para conversas agradabilíssimas, reposicionou minha visão de arte e literatura, de escrita e cultura, ao fazê-las partir dos estratos populares de resistência, uma arte/escritura que se enraíza muito longe nos ritmos que permanecem, nas formas que se misturam com a nossa carne e o nosso sonho: marcou a escrita e seu desejo de lucidez, fundou minha maneira dentro da sala de aula e o viés estético de uma escrita que não abdica da Filosofia como um dos seus horizontes, não esquece o desejo e a lucidez no horror. Ao mesmo tempo, como oposição, consolidou meu afastamento radical do universo "popular", "regional", "brasileiro".

O terceiro, Armando Souto Maior, que em aulas no Arquivo Público, diretamente com a *matéria*, apontou o caminho no labirinto dos documentos, a construção historiográfica, a escrita e o pensar próprios da História, com uma acidez que terminei incorporando na relação sempre conflituosas entre o "sujeito" e o "objeto" da História. Mas não marcou, com sua atuação, minha idéia tanto de História quanto de Metodologia. Sua visão de mundo se prendia a um universo restrito àquela mentalidade que definiria muito depois como de "segundo grau", apesar de sua monstruosa erudição.

O quarto, Michel Zaidan, que foi meu orientador de mestrado mas nunca foi meu professor, colocou Walter Benjamin, a Escola de Frankfurt, nas questões, arrefecendo meu ainda forte marxismo com posições mais complexas e sutis, representou um companheiro de luta num tempo adverso, onde pensar era como ofender, criar era como esbofetear: ele me ensinou a coragem, a persistência na coragem, mesmo na derrota, tendo me defendido quando "minha Arqueologia" foi posta em julgamento: e vencemos.

Depois dessa fase caseira e acadêmica iniciais, somente na USP reencontraria um mestre que iria interferir na constituição da minha busca, José Carlos Sebe Bom Meihy, que reposicionaria sobre outra dimensão minhas concepções sobre documento, escrita historiográfica, oralidade, História, com conseqüências gerais no conjunto dos elementos e espírito da História que tento ver e constituir.

MILITÂNCIAS

Desde o começo da adolescência leituras me desviaram de certo caminho (Paulo e Francisca, Don Quixote, Madame Bovary, Marcel: estou bem acompanhado). Buscando saber entre outras coisas o que era "Materialismo" (lembro cascavilhando enciclopédias, dicionários e livros tanto ingênuos quanto inúteis), preocupado tanto com a existência quanto com a possível inexistência de um deus já frágil na minha mais que liberal educação e as visíveis injustiças sociais, fui encontrando relações entre o socialismo e aquilo que me atormentava. E o genérico "Materialismo" rapidamente se transformaria em Marxismo. E Marx se alterou numa das minhas mais persistentes paixões intelectuais (indo somente arrefecer no final dos anos oitenta por absoluta necessidade literária). Um dos seus primeiros livros que li (em 1975) foi "O Capital" da Civilização Brasileira. Como sou compulsivo a ele rapidamente se seguiram a "Sagrada Família", a "Miséria da Filosofia", os dois volumes da "A Ideologia Alemã", a "Contribuição à Crítica da Economia Política", o "Manifesto do Partido Comunista", "As Teses sobre Feuerbach", "Salário, Preço e Lucro", "O Dezoito Brumário de Luís Bonaparte", "As Lutas de Classe na França"; de Engels o "Anti-Dühring", a "Dialética da Natureza", "A Situação da Classe Trabalhadora em Inglaterra", "Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico", "Ludwig Feuerbach e o Fim da Filosofia Clássica Alemã"; as "Obras Escolhidas" inteiras e um sem fim de títulos que foram não somente alargando deliciosa e profundamente minha visão do mundo, da História, da Filosofia e da Política mas torcendo o universo do meu costume, consolidando intuições, multiplicando sensações e sentimentos e que ainda hoje estão numa larga estante da minha biblioteca dedicada ao Marxismo.

A esta leitura inicial foram se acrescentando duas outras persistentes paixões: Lênin (entusiasmo que me fez ler o quanto existia a disposição tanto em português quanto em espanhol) e Lukács (ainda hoje um dos meus fundamentos inescapáveis). Marx se dividia em Política e Filosofia: o que fazer e o porque fazer. Este caminho era diferente daquele que "naturalmente" seria ou poderia ser o meu. Respeitava muito mais um processo interno de busca que a percepção de uma exterioridade de opressão e ditadura. A opressão, o horror político, histórico e social só foi completamente sentido depois. Antes eram conversas entre intelectuais

deslocados e exercendo suas minúsculas opiniões. Mesmo com a vida e as idéias de Gláucio Veiga, antigo comunista, preso levemente pela ditadura, não era capaz de abrir o grande leque de consciência e ação necessária ao tempo.

A passagem das leituras para uma atuação política se deu, internamente, com meu grupo de amigos do colégio e, objetivamente, em 1977, quando passei a fazer parte da "Convergência Socialista". E minha vida se dividiu em duas. A de todo mundo e a da "clandestinidade", a das reuniões escondidas, dos acertos, das programações, dos debates, da divulgação do jornal, da participação em greves, sindicatos. Rapidamente estava responsável pela base do jornal referente ao Recife, ministrando cursos e organizando estratégias. Nesse tempo a ditadura se diluía na transformação em Democracia permitida. A Abertura, a Anistia e as grandes greves estavam no mundo e nas mídias, gerando controvérsias internas, debates e escritos. A ditadura se dissolvia. Mas para mim tudo isso acabou em poucos meses. Um amigo do colégio, amigo de dentro de casa, daqueles que são iguais a um irmão, espalhou que eu era da Polícia Federal. Imediatamente todos sumiram, a base desapareceu e eu fiquei no ar. Não era nem polícia nem revolucionário. Um náufrago ridículo. E para tudo desmoronar bastou uma mentira. Não deixou de ser uma boa lição política e humana, mas no momento foi um desastre, tanto pela questão pessoal envolvida quanto pelo vazio político em que me vi arrastado.

Mas logo estava no Partido Comunista, com um grupo bem menos jovem, mais militante e intelectualizado. Comecei a ministrar cursos sobre Dialética, Marxismo e a trabalhar com Andragogia (Educação para Adultos) na favela Vila da Prata e em cursos de formação: essas eram minhas "missões". Ao mesmo tempo, como todo militante, participando da política do partido, escrevendo artigos para o jornal clandestino e vivendo a vida sindical.

Não tendo vivido pela idade a fase mais estúpida da ditadura, me foi dado viver um período de transição onde o processo geral minou, radicalmente, os "partidos de esquerda", tornando-os "entidades", agremiações legalizadas. Muitos desapareceram e outros iniciaram seu processo de expurgo interno para se legalizar. Como eu não concordava nem com a legalização nem com a inutilidade de todo o sistema, vivendo somente e eternamente para reuniões impotentes, fui expurgado. Mas dessa vez nada mudou na minha vida. O partido já se tornara uma excrescência há muito tempo. Nada possuía de um partido revolucionário e muito menos algo com força para mudar qualquer coisa. A ilusão das esquerdas no Brasil é a mesma das classes de serviço, ou a mesma daquelas que querem somente reproduzir o mundo do capital sem que se diga que é o mesmo mundo. Enquanto este e outros tranes não forem enfrentados e superados fazer esquerdismo será somente mais um jogo de passatempo. Ridículo como todos os jogos. Mais um carnaval nacional.

UMA QUESTÃO DE MÉTODO

Uma das raízes fundamentais, aquelas que atravessam minha vida inteira e talvez não se resolvam (aí se encontra a graça: as obsessões não se resolvem), está na leitura que fiz, culminando leituras de toda espécie, de Charles Darwin ("Origem das Espécies" e "Origem do Homem") e Albert Einstein ("ABC da Relatividade" e "Teoria da Relatividade"): o resultado foi um caderno de notas que transformei, no fim do ginasial, num ensaio chamado "Biorrelatividade: em torno

de uma visão biológica”. Estranhamente ali se encontra grande parte do eixo de toda a minha reflexão posterior nos vários campos (Marxismo, História, Arqueologia, Epistemologia) onde tentei articular uma espécie de visão de mundo. Esse ensaio foi transcrito em 1983 na disciplina de Pré-História (UFPE), causando discussões, concordâncias e discordâncias radicais, o que foi, intimamente, muito engraçado: eram as notas de um colegial: com preguiça não refiz o trabalho, apenas o copiei do caderno e das notas em fichas. E agora, para este ensaio, encontrei em meus papéis o texto de 1983. E ainda estou ali. Tudo o que fiz foi complexificar, abrir possibilidades, mas o espírito é o mesmo, a *matéria* é a mesma. Tenho tentado, na verdade, refinar minhas intuições fundamentais, aquelas que nasceram de leituras, acampado entre cavernas, lagoas e riachos ou no insosso ambiente das salas de aula no colégio.

Primeiro, os conceitos de “escatologia biológica” e “antropovisão”.

A evolução (a história, o real, o imediato) não tem direção, não mira um fim: é um modificar no mesmo plano, biológico e temporal: não há ramificações, mas um mutacionar no mesmo, e propõe uma visualização evolutiva que somente vi se realizar com a computação gráfica nas “metamorfoses”. “Cada espécie é única e original”, “Todas as espécies têm a mesma velocidade evolutiva”, “As espécies não evoluem no sentido da evolução ser um caminhar, mas evoluem no sentido de ser um mudar dialético em um plano”. A preocupação com a evolução se transformará, ainda na graduação, na questão do tempo e da história.

A antropovisão (a “fronteira epistemológica” que desenvolverei depois numa perspectiva entre a dialética e a ontologia heideggeriana) como a compreensão que verdade e realidade, valor e legitimidade são não somente históricas e sociais, mas “etnológicas”: o *ethos* como fundamento, limite e razão do *ontos*: verdade e realidade para nós, para nossa tribo, por nossa presença. Ainda hoje considero que um dos papéis do historiador é compreender a diversidade radical, sem universalizações ou naturalizações. Esse viés recente da minha reflexão (segunda metade da década de noventa) se enraíza naquelas notas e intuições adolescentes.

Segundo, a idéia de tempo como a dimensão fundamental, aquela que será preciso pensar mais e mais profundamente dali por diante. Ali há uma intuição básica de que o passado não é “aquilo que aconteceu”, mas a dimensão que se desdobra no imediato do presente (“Tempo, Texto e Documento”, Caderno de Criação-UFRO, Porto Velho, 1998, e no livro “Oralidade, Texto e História”, Loyola, São Paulo, 1999).

Terceiro, a questão da Natureza. Esse é o conceito de maior permanência nos meus trabalhos. Ele está nestas “notas adolescentes”, passa pelos dois livros publicados ainda na década de 80 sobre Arqueologia e suas relações com a História, o Marxismo e uma Metodologia (“Materialismo Histórico e Arqueologia”, Pindorama, Recife, 1986/ “História e Arqueologia”, Revista de História-UFPE, Recife, 1988); se desenvolve marginalmente nos artigos da primeira metade da década de noventa, brotando com muita força como tema central em artigos (“Práxis e Natureza”, Revista do Departamento de Geografia-USP, São Paulo, 1999/“Ontologia, Virtualidade, História”, Caderno de Criação-UFRO, Porto Velho, 2000) e em dois livros (“Oralidade, Texto e História”, Loyola, São Paulo, 1999/“Nas Águas do Texto”, EDUFRO, Porto Velho, 2001).

Quarto, a questão do método. Esta é uma longa história. Não é somente um conceito, mas um “inescapável”: quero sempre saber os meios, a maneira, a inflexão que permite, os elementos e como se distribuem, quais ações, quais condições, qual experiência, qual lugar, quais idéias: método para mim nunca foi somente “modo de proceder”, mas o articulador de todo o conjunto prático-teórico, não ficando nunca numa dimensão *técnica* (a Arqueologia serviu principalmente para me demonstrar isso) nem numa perspectiva *prática* (o trabalho no Arquivo Público de Pernambuco, o contato com os documentos, me ensinou que a prática não gera nada, o “método” é inútil), ou num viés *teórico* (tanto o Marxismo quanto Heidegger são pródigos quanto a insuficiência do exclusivamente teórico). Essa paixão pelo método está em tudo que escrevi mas principalmente nos livros da década de 80 (onde faço as relações entre meus conceitos preferidos), em artigos (“História e Método”, Caderno de Criação-UFRO, Porto Velho, 1995/ “Dialética e Hermenêutica: Uma Questão de Método”, GEOUSP-USP, São Paulo, 1997), meus livros da década de 90, e no livro em construção (“Teoria, Tempo e Método da História”, no qual espero reunir minhas principais preocupações na História, como um retorno a uma velha paixão).

ARQUEOLOGIA

Em 1985 terminei, enquanto escavava com a Equipe do Laboratório de Arqueologia (UFPE) o Forte do Brum, no Recife, um livro chamado “Materialismo Histórico e Arqueologia” (Pindorama, Recife, 1986), em pleno processo de discussão sobre o fazer arqueológico, seus limites e possibilidades, sua relações com a História e o Marxismo. A ele se seguiria outro (“História e Arqueologia”, Revista de História-UFPE, Recife, 1988) e minha dissertação (“A Sedução do Espelho: Avaliação Epistemológica da Arqueologia Brasileira”, UFPE, Recife, 1990).

Esses trabalhos, que sintetizam minha atuação na Arqueologia, partiam para enfrentar uma situação que ainda hoje não se modificou completamente.

Tradicionalmente os sítios arqueológicos no Brasil são simplesmente coletados, numa concepção Estatística e museológica (descrever, mostrar sem compreender, sem “perceber” a dimensão simbólica e imaginária, a dimensão econômica e social), destruindo, assim, todo e qualquer estatuto histórico-social do sítio enquanto vestígio de uma comunidade viva. Dessa maneira, o trabalho arqueológico tem sistematicamente destruído sociedades inteiras, reduzindo-as a tabelas descritivas, impossibilitadas de reconstruírem os processos econômicos, sociais, arquitetônicos e alimentares da comunidade. Os “dados objetivos” dessa arqueologia (dominante) escondem que são tabelas descritivas de materiais articulados apenas em laboratório, por procedimentos técnicos, mas desvinculados da estrutura vital que as criou. Os procedimentos laboratoriais são os criadores dos resultados e não, como deve ser, os resultados advirem de um respeito à estrutura e à variedade dos vestígios conscientemente entendidos como “dados de um discurso”. Esses “dados” não se transformam em história, em sociedade, mas se fundam com uma imaginação etnográfica para criar um híbrido convincente, mas infecundo.

O resultado final para “cacos de cerâmica”, “pedras”, “marcas”, “sepultamentos”, “fogueiras”, “dejetos”, “lixo” é uma estrutura social viva, um homem concreto, não tabelas e uma imaginação arqueológica que suprime um trabalho mais lento e com grandes estruturas.

Minha abordagem era uma tentativa de “historicizar”, de dar uma dimensão epistemológica à Arqueologia. Daí que minha abordagem, nesses três textos, foi propor e exercitar uma articulação entre a História, a Filosofia, a Epistemologia e uma crítica marxista com a estrutura teórica que conseguiria “ver” a situação disciplinar com maior legibilidade enquanto estabelecia outro fazer arqueológico. A Arqueologia Brasileira era vista como “Sistema Ideológico”; sua fundamentação histórica era salientada (em detrimento a estreita associação com as Ciências Naturais): a Arqueologia era vista como História; o Método Dialético, o conceito de Estrutura e Processo eram utilizados e uma teoria da “Cerâmica Arqueológica” como elemento analítico foi proposto e desenvolvido.

Nos dois primeiros textos eram trazidos para o centro do debate os conceitos de Natureza, de Alienação, de Ciência, de Técnica; discutia-se o “Objeto da Arqueologia” e a Escavação requerida para um conhecimento histórico; a Análise e a Experiência Arqueológicas; a questão do Poder, da Consciência e a Pesquisa na Arqueologia. Essas perspectivas, na dissertação, ganharam um corpo mais sólido, mais profundo, mais rigoroso, sendo feita também uma fundamentação bibliográfica extensa e que implicava o conjunto da disciplina no país.

Ainda hoje tanto os livros quanto a dissertação são os únicos momentos da Arqueologia Brasileira onde não somente se fez uma abordagem epistemológica mas histórica e filosófica do fazer arqueológico e das práticas de uma perspectiva crítica e marxista.

VITRINE

DIVULGUE:

PRIMEIRA VERSÃO
NA INTERNET

<http://www.unir.br/~primeira/index.html>

Consulte o site e leia os artigos publicados

*Nunca devolverei nada
Se peguei ou não
Não há mais esperança
de que a luz me salve
nem que a treva me devore
por completo
Disparo para dentro
todos os detalhes
embora saiba
que não há parte
que conduza ao centro*

CARLOS MOREIRA